

Notas sobre as relações entre a língua portuguesa no brasil e o tupi em tempos de tecnologia digital

Notes on the relationships between the portuguese language in brazil and tupi in times of digital technology

Walace Rodrigues²⁴

Resumo: Por meio deste artigo, buscamos considerar sobre como a língua portuguesa, enquanto língua de colonizadores, passou a receber influências das mais diversas línguas dos países colonizados pelos portugueses. A análise para este texto é qualitativa e nossa pesquisa foi de cunho bibliográfico. Utilizamos o livro infantil “O tupi que você fala”, de Claudio Fragata (2018), como um exemplo de inter-relações que a língua portuguesa sofreu em seus diretos contatos com a língua tupi no Brasil. Tal livro coloca-se, também, como um trabalho exemplar de como as identidades sofrem influências a todo o tempo. A obra se volta para o público infantil, relatando, de forma lúdica, sobre como a língua do colonizado também influenciou a língua do colonizador de maneira contundente e como nos percebemos como falantes da língua portuguesa no Brasil utilizando influências de línguas “outras” a todo momento. Tal livro pode ser acessado, também, de forma online, deixando-se ser utilizado via diversas plataformas digitais e requisitando multiletramentos digitais de seus leitores.

Palavras-chave: Influências; Línguas; Relações interculturais; Multiletramentos; Literatura em formato digital.

Abstract: Through this paper, we seek to consider how the Portuguese language, as the language of colonizers, began to receive influences from the most diverse languages of countries colonized by the Portuguese. The analysis for this text is qualitative and our research was bibliographic. We used the children's book “O tupi que você fala”, by Claudio Fragata (2018), as an example of interrelations that the Portuguese language suffered in its direct contacts with the Tupi language in Brazil. This book also stands as an exemplary work of how identities are influenced all the time. The work is aimed at

²⁴ Pós-Doutor pela Universidade de Brasília (UnB/POSLIT/Pós-graduação em Literatura). Doutor em Humanidades, mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Pós-graduado (lato sensu) em Educação Infantil pelo Centro Universitário Barão de Mauá/SP. Pós-graduado (lato sensu) em Cultura e Literatura pela Faculdade São Luís/SP. Licenciado pleno em Educação Artística (História da Arte) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e com complementação pedagógica em Letras/Português e em Pedagogia. Professor da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Docente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire) e da Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLLit). Pesquisador no grupo de pesquisa Grupo de Estudos do Sentido - Tocantins (GESTO) e no Grupo de Estudos e Pesquisa em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais, ambos da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), CAPES/CNPq.

children, reporting, in a playful way, about how the language of the colonized also influenced the language of the colonizer in a powerful way and how we perceive ourselves as speakers of the Portuguese language in Brazil using influences from “other” languages throughout time. This book can also be accessed online, allowing it to be used via various digital platforms and requiring digital multiliteracies from its readers.

Keywords: Influences; Languages; Intercultural relations; Multiliteracies; Literature in digital format.

Introdução

Este artigo foi escrito para a chamada “Linguagem, Discurso e Tecnologias” da Revista Littera: Revista de Estudos Linguísticos e Literários, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão (PGLetras-UFMA). Almejamos, com este texto, levantar considerações acerca das relações da língua portuguesa, como língua do colonizador, com as línguas locais, dos povos dos territórios colonizados, tomando como temas relacionais a Língua Portuguesa e a Tupi, o mecanismo de língua de colonizador *versus* do colonizado, relações de poder, literatura infantil, tecnologias digitais, entre outros pontos.

Buscamos no caso do livro infantil “O tupi que você fala”, de Claudio Fragata, de 2018, um exemplo de manifestação lúdica e educativa que contribui para a percepção de como a língua tupi foi e é relevante para o português brasileiro. A forma educativa de abordar tal temática para as crianças é louvável, pois também mostra a valorização da diferença e dos conhecimentos dos indígenas brasileiros. Além disto, o livro trabalha na direção do multiletramento via linguagens como a escrita, a imagética, a simbólica, entre outras. Ainda, tal obra pode ser encontrada em formato digital e utilizada em vários suportes de tecnologias digitais, incentivando letramentos digitais variados.

Nossa abordagem para este texto foi qualitativa e nossa pesquisa foi de cunho bibliográfico. Buscamos dar conta de argumentar sobre a força das relações entre o tupi e o português brasileiro com a bibliografia escolhida.

Sobre as implicações coloniais entre língua de colonizador (português) e colonizado (tupi)

A oficialização de uma língua num país não implica sua exclusividade, ao contrário, é tipicamente uma língua imposta em convivência recorrente e diálogos com muitas outras. Assim, o português se modifica cotidianamente em resposta à sua própria herança cultural e em contato com culturas “outras”, incorporando repertórios e padronizações locais. O que percebemos por português angolano, português brasileiro, português cabo-verdiano, português moçambicano etc. foram formados na diáspora colonial escravagista – transatlântica e além – em contato de relações significativas com os povos e as línguas locais de cada lugar.

O tupi antigo foi, durante as primeiras décadas de ocupação portuguesa, era a principal língua de comunicação entre indígenas (principalmente aqueles habitantes do litoral), europeus de vários países (holandeses, alemães, franceses etc.) e uma geração de brasileiros mestiços que começava a povoar o território nacional.

Com o passar do tempo, o tupi antigo evoluiu para outras línguas, como o nheengatu (ou língua geral amazônica, falada até hoje em vários lugares, como São Miguel da Cachoeira/AM, oir exemplo), mas acabou perdendo importância a partir de meados do século 18, quando o então primeiro-ministro português, Marquês de Pombal, proibiu a utilização e o ensino do tupi no Brasil e decretou a obrigatoriedade do português como língua oficial.

Vale lembrar que “Tupi” se refere a um tronco linguístico de onde tem origem várias famílias linguísticas. E, dessas famílias derivam línguas e dialetos específicos. A língua tupi, ou tupi antigo, é uma língua arcaica falada pelos povos tupis que habitavam a maior parte da costa litorânea do Brasil no século XVI. É uma antiga língua indígena do Brasil e a que teve mais importância na construção espiritual, simbólica e cultural do país. Era uma língua franca amplamente utilizada no Brasil colônia para transações comerciais, escambos, negociações etc. Alguns povos indígenas, na atualidade, ainda utilizam línguas deste tronco linguístico.

Sobre as línguas Tupi e seus léxicos que ainda permanecem em nosso uso diário, Nunes Xavier Silva e Ana Cláudia Castiglioni nos revelam que:

A língua Tupi, já extinta, foi fortemente documentada no período do Brasil Colônia, com finalidades comerciais e religiosas, e denominada de Língua Brasília. Muitos a consideravam “a língua mais falada da costa do Brasil”. Nessa perspectiva, sociedade e cultura levam à reflexão sobre a importância do léxico para compreender as transformações ocorridas na língua com o passar dos tempos, uma análise diacrônica que compreende as transformações sofridas pelo léxico. Esta é a parte mais sensível de uma língua, por meio do qual é possível perceber várias transformações que ocorrem num sistema linguístico. (SILVA; CASTIGLIONI, 2021, p. 71)

Lembramos que o objetivo de Pombal era enfraquecer a Igreja Católica e a influência dos jesuítas nas colônias e em Portugal. Os jesuítas utilizavam a língua indígena para se aproximar e catequizar os indígenas brasileiros. Com a proibição, o tupi desapareceu como idioma funcional. No entanto, a língua tupi se manteve viva, principalmente, por meio de palavras do português falado cotidianamente no Brasil.

Acreditamos que tais incorporações lexicais ao português brasileiro (principalmente de palavras indígenas, de línguas e dialetos africanos dos escravos negros no Brasil) fizeram com ele tivesse uma identidade específica. Percebemos que identidade se relaciona com a forma como a pessoa se reconhece dentro do universo social e cultural em que habita. E a língua que fala, as palavras que utiliza, o sotaque que tem também auxiliam na formação de identidades, ou seja, na forma como nos reconhecemos e como nos colocamos no mundo.

Segundo o gramático e filólogo Evanildo Bechara, a Língua Portuguesa sofreu, no Brasil, uma grande influência dos termos indígenas, nas mais variadas línguas com quem os colonizadores tiveram contato:

Desde cedo, a língua portuguesa entrou em contato com essas línguas. Então é natural que, do ponto de vista do vocabulário, os portugueses tenham encontrado nomes de plantas e animais que não eram conhecidos. O vocabulário da língua portuguesa está repleto de palavras indígenas, porque os portugueses encontraram aqui um novo mundo da fauna e da flora. (BECHARA *apud* BRISA, 2021, s.p)

Vale ressaltar que, quando os portugueses e outros europeus aqui chegaram, os lugares, as plantas, os animais etc. tinham nomes, e nomes dados pelos indígenas da

região. Parecia, portanto, desnecessário nomear o que já tinha nome e não era conhecido por eles (os portugueses recém aportados no Brasil). Somente para dar um exemplo, havia aqui uma infinidade de animais e plantas desconhecidos pelas portuguesas. Como nomear o desconhecido? Muitos lugares foram nomeados por eles de maneira quase automática e incorporando nomes de santos católicos, como as cidades de São Salvador da Bahia (Salvador) ou São Sebastião do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro), por exemplo. Mas elementos da fauna e da flora não podiam ser nomeados como os lugares e o conhecimento indígena acabou por introduzir uma gama de termos indígenas em nosso português brasileiro de uso cotidiano.

Por outro viés, compreendemos que a força do colonizado se deu pelo viés da cultura e pela necessidade do colonizador de se adaptar a terras completamente diversas daquelas de onde vinha. As relações de força e poder do colonizador também passavam pelo domínio da língua colonizante como língua imposta. No entanto, a força dos meios de sobrevivência passava pelo domínio do ambiente natural e das maneiras de viver em terras tão únicas e desconhecidas. Aqueles que aqui (no Brasil) já viviam nomearam todas as coisas que aqui existiam. O único e inusitado, o inominável em português europeu, já tinha um nome em tupi, e, muitas vezes, esse nome indígena permaneceu com força para designar o “novo”.

Michel Foucault nos revela que o poder está diretamente ligado às relações sociais entre as pessoas, determinando muitas condutas sociais e morais. Neste artigo, compreendemos como o poder da língua dominante é forçado ao “dominado”, ao colonizado:

Quando digo “o poder”, não digo absolutamente uma instância, uma espécie de potência que estaria oculta ou visível, pouco importa, e que difundiria sua influência nociva através do corpo social ou que estenderia sua rede de forma fatal. Não se trata de uma rede que aprisionaria cada vez mais a sociedade e os indivíduos. Não se trata disso. O poder não é uma coisa. O poder são relações. O poder são relações entre indivíduos, uma relação que consiste que um pode conduzir a conduta do outro, determinar a conduta do outro. E determinada voluntariamente em função de uma série de objetivos que são seus (FOUCAULT, 1981, s/p). (Aspas do texto original).

Apesar de compreendermos que a língua dominante era o português, compreendemos como a língua dos colonizados *fight back*, deixando sua forte influência na fala e escrita local das pessoas, fazendo com que muitos léxicos tupi permaneçam em uso corrente no Brasil.

Também, enquanto os portugueses tentavam naturalizar um discurso etnocêntrico de poder para uma efetiva ocupação dos territórios e dominação das pessoas que aqui já habitavam. Porém, as relações de poder tiveram que ser bastante ponderadas, principalmente com os indígenas brasileiros, pois estes últimos já dominavam os saberes e fazeres destas terras. Os indígenas brasileiros não se submetiam facilmente às relações assimétricas de poder como desejavam os portugueses. Conflitos eram frequentes em todos os níveis de dominação, sejam na guerra armada ou na guerra cultural. Ninguém saiu ileso destes conflitos! Os portugueses tentaram legitimar a imposição de seus sistemas de poder, mas eles não foram fortes o bastante contra a força das culturas e das línguas indígenas.

Utilizando-se da trilogia de dominação colonial, baseada em: “classe, raça, gênero”, a partir de uma lógica utilitarista e comercial, os portugueses tentaram fazer com que os corpos indígenas se tornassem mercadorias, mas não foram muito exitosos neste intento. Sobre “classe”, os indígenas brasileiros detinham uma noção comunitária de utilidade e uso e não de posse das coisas. Sobre a noção de “raça”, os indígenas se viam como “eles” e viam os portugueses como “outros”. Sobre a noção de “gênero”, as sociedades indígenas não atribuem importância maior ou menor ao homem ou à mulher, mas os trabalhos eram marcados por gênero, revelando uma sociedade com altos padrões de cooperação, mas uma cooperação por atividades sociais.

Os grupos indígenas brasileiros, subjugados economicamente, racialmente, socialmente, politicamente etc. por séculos, acabam por se tornarem mais fragilizados e vulneráveis na atualidade. E isso muito se deve aos processos de subalternização dos portugueses e outros colonizadores para com os indígenas no passado. Muitos grupos indígenas na atualidade ainda fogem do contato direto com os não-indígenas por temerem as consequências danosas de tal contato.

Percebemos, por meio da forte influência linguística e cultural, que os grupos de fala tupi conseguiram trabalhar a partir dos lugares da diferença e “dominar” os

colonizadores em vários aspectos culturais e linguísticos. Comemos mandioca, dormimos em rede, comemos bijú e tapioca, e utilizamos palavras tupi sem nem nos darmos conta de que todas essas atividades são de origem indígena. Os modos de vida dos portugueses foram completamente modificados nas colônias, incluindo os termos que a língua portuguesa teve que tomar para si como empréstimo, incorporando-os no dia a dia da vida nas colônias. Essa influência de línguas locais no uso do português que falamos correntemente no Brasil é evidente e somente faz com o português brasileiro seja enriquecido com léxicos de outras línguas, oferecendo mais sentidos e significações à realidade que nos cerca.

Segundo Walsh (2013), as lutas sociais também são cenários pedagógicos em que os participantes exercem suas pedagogias de aprendizagem, desaprendizagem, reaprendizagem, reflexões e ações. E isso fica clara quando pensamos na força que o tupi exerce no português brasileiro atual.

O repórter Vitor Abdala oferece-nos um exemplo de texto sobre a utilização de palavras em tupi de uso corrente no português brasileiro para mostrar o quão habitual o uso desta língua é em nosso cotidiano falar e viver:

Meu *xará*, *carioca* da Tijuca, foi ao *Pará* surfar a *pororoca*, em um rio infestado de *piranhas* e *jacarés*. Nas margens, viu *jaguares*, *quatis* e *capivaras*. No céu, sobrevoavam *araras*, *tucanos* e *urubus*. Enquanto estava lá, bebeu suco de *caju* e de *maracujá*. Comeu *pipoca*, *mandioca*, carne de *tatu* e de *paca*. Visitou uma *taba* amazônica e foi *cutucado* por um *curumim* curioso. Dormiu em uma *oca* cheia de *cupim* e ficou com o corpo coberto de *perebas*. Foi atendido por um *pajé*. Depois de algum tempo, quando já estava na *pindaíba*, voltou para casa. (ABDALA, 2014, s.p, itálicos do autor)

Também, Mateus Brisa (2021, s.p) deixa-nos uma lista de termos tupi que estão em nosso uso cotidiano no português brasileiro:

Comidas: maracujá, açaí, caju, tapioca, mandioca (ou macaxeira, aipim), paçoca, cacau, pipoca

Animais: tatu, jaguar, ariranha, paca, arara, buriti, jacaré, sabiá

Lugares: Pará, Curitiba, Paraná, Sorocaba, Pernambuco, Manaus, Copacabana, Iguaçu, Anhangabaú, Macaranã, Guarujá, Bauru

Nomes: Moacir, Iracema, Maiara, Ubirajara, Iara, Cauby, Kauane, Tainara,

Termos e expressões: pereba, “nhem nhem nhem”, capenga, xará, cutucar, socar, canoa, muquirana, mirim

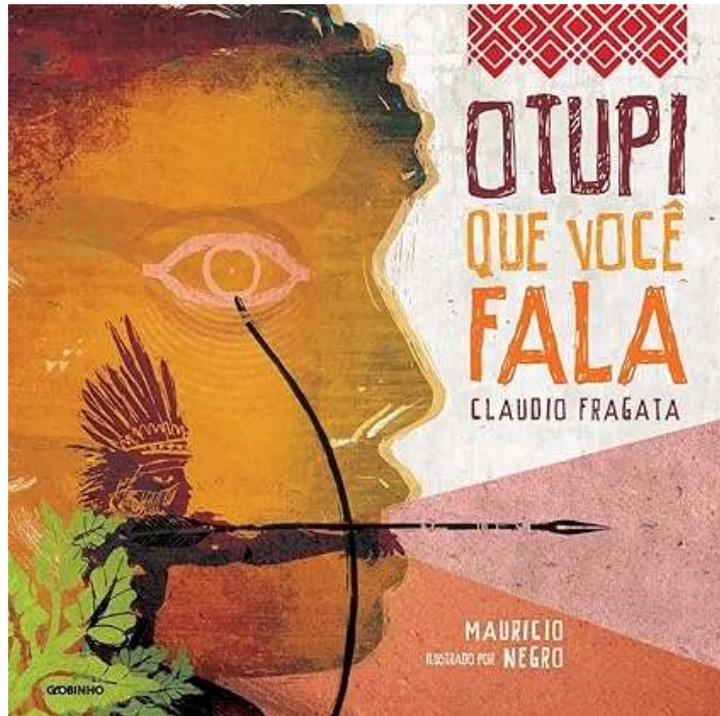
Vemos que acabamos por tomar como “empréstimos” ou “contribuições” vários léxicos tupi que vivem e pulsam na língua portuguesa utilizada no Brasil. Tais léxicos tupi estão em nosso uso corrente e provavelmente permanecerão, assim como outros aspectos culturais indígenas que dominam nosso dia e dia e sem os quais não nos identificaríamos como nós mesmos.

O caso da Literatura Infantil em “O tupi que você fala”

A literatura infantil brasileira é de uma riqueza imensa, trazendo temas os mais diversos para serem discutidos ludicamente com as crianças. Tal literatura não somente informa, mas auxilia no fortalecimento da leitura e beneficia um mundo de fantasias a partir da interação entre textos e imagens muito bem organizados e trabalhados. As crianças que têm o privilégio de estarem expostas à literatura infantil brasileira certamente terão uma alfabetização mais facilitada e a imaginação mais criativa.

Ainda, os textos escritos de literatura infantil brasileira se relacionam diretamente com uma imensa riqueza de cores e formas das imagens nas gravuras que dialogam com os textos escritos. Isso revela uma grande força na literatura infantil brasileira, fazendo com que as crianças comecem seus caminhos de leitura por ricos textos multimodais.

Imagem 1 – Capa do livro “O tupi que você fala”.



Fonte: FRAGATA, Claudio. O tupi que você fala. São Paulo: Globo Livros, 2018.

Lúcia Teixeira, Karla Faria e Sílvia Sousa (2014, p. 314) consideram a multimodalidade como “um modo de produção de conteúdos próprio das sociedades pós-industriais”, ou seja, uma característica dos textos que relacionam diferentes formas de criação de sentidos, como textos escritos, imagens, sons, odores etc., e buscam nossa compreensão textual pela via relacional entre todos os elementos apresentados à leitura.

Tal multimodalidade é uma das características de nossa época atual de grande uso de tecnologias digitais. As autoras nos dizem que:

A internet e a pluralidade de linguagens que representam novas exigências de leitura no mundo contemporâneo, entretanto, não podem estar afastadas da escola e parece que ainda hoje se constituem em mistérios para práticas pedagógicas que antagonizam o que chamam de alta e baixa cultura. Fechando-se à novidade, a escola vai ficando cada vez mais distante do universo juvenil e mais afastada das reais possibilidades de tocar afetos e interesses do público estudantil,

sobretudo dos ensinos fundamental e médio. (TEIREIXA; FARIA; SOUSA, 2014, p. 316)

Rodrigues (2022, p. 118) vai pelo mesmo caminho e revela o caráter especial de formação crítica que os textos multimodais podem oferecer, principalmente quando utilizados em ambiente escolar:

[...] acreditamos que o trabalho com os textos multimodais na educação, seja ela de qual nível for, revela-nos uma necessidade urgente em alfabetizar, letrar e multiletrar nossos professores e estudantes, levando à busca incessante de sentidos e a um olhar mais crítico sobre a sociedade que nos cerca e sobre os saberes que recebemos e criamos.

Ainda, podemos entender a literatura infantil com um gênero literário definido pelo público a que se destina, ou seja, o público infantil. Regina Zilberman (1987, p. 1) revela-nos que:

A literatura infantil somente merece esta denominação quando incorpora as características daquele gênero: presença do maravilhoso; peculiaridades de apresentar um universo em miniatura. Resulta disso uma ampla desconfiança em relação à eventualidade de uma literatura infantil realista. Fica claro o porquê ser a história em quadrinhos frequentemente considerada como produção literária apropriada às crianças - no recurso do super-herói é reproduzido um universo semelhante ao do relato fantástico.

Sobre o livro de Claudio Fragata “O tupi que você fala”, 2018, percebemos que as palavras em tupi estão diretamente relacionada às imagens lúdicas das gravuras. Essa relação leva a um tom fantástico em relação ao que seria tupi (indígena) e como somos também um pouco indígenas sem que o percebamos. O referido livro é também disponibilizado em formato digital pelo Banco Itaú, por meio do projeto “Leia para uma criança”, e revela uma outra possibilidade de leitura: aquela com auxílio de ferramentas digitais, tais como *tablets*, computadores, *smartphones*, *laptops* etc.

Rodrigues (2021, p. 221) afirma que “a literatura detém uma imensa forma de criação de imagens acerca de lugares, pessoas, coisas, etc, forjando uma leitura pessoal e

única a partir de determinado texto.” Desta forma, a leitura literária deve ser incentivada desde tenra idade, principalmente na atualidade, quando vários suportes tecnológicos podem auxiliar-nos a formar leitores multiletrados e hábeis com ferramentas tecnológicas.

O livro “O tupi que você fala” deixa ver às crianças que nosso português brasileiro é cheio de influências de outras culturas, principalmente culturas indígenas e negras, tentando fomentar a curiosidade das crianças para descobrir a origem das palavras que elas utilizam no dia a dia.

O texto do referido livro de Claudio Fragata traz:

Aposto que você saber falar Tupi e eu provo aqui.
Você entende quando dizem guri, jabuticaba ou jabuti?
Sabe que bicho é quando falam sagui, tamanduá ou siri?
E sucuri, jacaré, capivara, arara, urubu, tucano, paca ou tatu?
Sabe que fruta é quando se falam caju, guaraná, pitanga ou maracujá?
Sabe o significado da palavra abacaxi?
Então, tudo isso é tupi?
Também é tupi: samambaia, sabiá e paçoca.
E piranha, taquara, perereca, taturana e peteca.
Você entende quando fala pororoca ou faz cara de boboca?
Se falam saci, você sente um arrepio e escuta um assobio?
Viu como entende tudo sim senhor sem precisar de tradutor?
Você já falava tupi e não percebia, mesmo falando todo dia.
Comendo pipoca ou amendoim, você é um pouco curumim.
(FRAGATA, 2018)

Notemos que o texto leva as crianças a perceberem as heranças tupi no português brasileiro falado por elas, relacionando palavras a imagens muito coloridas e expressivas e dando um ar de brincadeira ao aprender. Muitas palavras tupi utilizadas no livro são de uso recorrente e revelam o quão tupi podemos ser, ou seja, que também somos indígenas.

Considerações finais

Vimos que a utilização de tantos termos tupi na língua portuguesa usada no Brasil desafia-nos e pensar em um mundo de relações de poder e mudanças frequentes, instigando-nos a oferecer possibilidades variadas de ver o mundo e interpretá-lo. A diferença acabou por ser o que nos restou como seres humanos. Somos de forma única, com identidades únicas, mas mutáveis a todo o momento.

Acreditamos que a incorporação de termos indígenas no português brasileiro somente faz com que este último se torne ainda mais rico significativamente e singular, revelando específicos valores sociais, culturais e morais brasileiros.

Ainda, o contato infantil com o tupi pode auxiliar a desconstruir discursos pejorativos contra os povos indígenas brasileiros (cf. RODRIGUES, 2017), principalmente se ocorrerem a partir de discussões colocadas no âmbito escolar e que valorizem as diferenças. E o livro de Claudio Fragata “O tupi que você fala” é um bom instrumento de aprendizado de palavras da língua tupi e de como temos uma grande herança indígena.

Por fim, a possibilidade utilizar tal livro em formato de *e-book* e poder trabalhar com ele a partir de diferentes ferramentas digitais oferece-nos uma gama de possibilidades de atividades pedagógicas que se voltem para a leitura e para os multiletramentos (esses últimos tão necessários em nossa sociedade pós-industrial).

REFERÊNCIAS

ABDALA, Vitor. Tupi deu importantes contribuições ao português. **Repórter da Agência Brasil**. Rio de Janeiro, publicado em 11/12/2014. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2014-12/tupi-deu-importantes-contribuicoes-ao-portugues> Acesso em: 22 jun. 2023.

BRISA, Mateus. Como o tupi e outras línguas indígenas influenciaram o português brasileiro? **Portal O Povo**. Publicado em 30/08/2021. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/curiosidades/2021/08/30/como-o-tupi-e-outras-linguas-indigenas-influenciam-o-portugues-brasileiro.html> Acesso em: 22 jun. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Entrevista com Michel Foucault na Universidade Católica de Louvain em 1981** – Tradução de Anderson dos Santos.

FRAGATA, Claudio. **O tupi que você fala**. Projeto Leia para uma criança. Itaú Social. São Paulo: Globo Livros, 2018.

RODRIGUES, Wallace. A importância da Literatura de Informação dos viajantes para a formação cultural brasileira. **JNT-Facit Business And Technology Journal**. Araguaína/TO. Ed. Nº 24, Vol. 1, p. 213-223, Março 2021.

RODRIGUES, Wallace. Desconstruindo discursos de diferença na escola. **Educação e Realidade**. UFRGS, vol. 42, n. 2, p. 687-706, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623657231> Acesso em: 22 jun. 2023.

RODRIGUES, Wallace. Reflexões sobre multiletramentos e textos multimodais em ambientes educacionais. **Linguagens** - Revista de Letras, Artes e Comunicação. Blumenau/SC, v. 16, n. 2, p. 107-119, mai./ago. 2022.

SILVA, Nunes Xavier; CASTIGLIONI, Ana Cláudia. Análise das palavras de origem tupi que se referem a bebidas nos dicionários fornecidos pelo PNLD (2012) para o Ensino Médio. **Revista Humanidades e Inovação**. UNITINS, v.8, n.66, p. 70-79, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/6196> Acesso em: 22 jun. 2023.

TEIXEIRA, Lúcia; FARIA, Karla; SOUSA, Sílvia. Textos multimodais na aula de português: metodologia de leitura. **Desenredo**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 10, n. 2, p. 314-336, jul./dez. 2014.

WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Catherine Walsh (Org.). Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.